

O PENSAMENTO DE CRIANÇAS VITIMIZADAS PELAS VIOLÊNCIAS SOBRE O CORPO: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD*

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sociopoética sobre o corpo, realizada com 27 crianças da Casa de Zabelê, que tem como parceiros a Prefeitura de Teresina (PI) e a Ação Social Arquidiocesana e atende crianças e adolescentes do sexo feminino vitimizadas por violências. O objetivo foi analisar os conceitos produzidos pelas crianças sobre o corpo, possibilitando o aflorar dos problemas que as mobilizam e facilitando assim a produção de outros conceitos sobre o referido tema. Partindo das problemáticas, o pensamento das crianças se apresentou em 4 linhas: medos da criança diante das situações difíceis; o que pode o corpo da criança diante das situações difíceis; o corpo da criança e a relação com a família; e o corpo da criança entre o fora e o dentro da Casa de Zabelê.

Palavras-chave: Corpo; Crianças; Sociopoética.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e colaboradora nos programas de pós-graduação em Educação e em Antropologia e Arqueologia. Integra o Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Gênero e Cidadania (NEPEGECI) e coordenadora do Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola. Integra também o Comitê Executivo da Entrelugares: revista sociopoética e abordagens afins, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFC. E-mail: <shara_pi@hotmail.com>.

Abstract: *This paper presents the results of a sociopoetics research about the body, held with 27 children of Casa de Zabelê, which has as partners the Prefeitura Municipal de Teresina (PI) (City Hall) and the Ação Social Arquidiocesana (Archdiocesan Social Action) and serves children and female adolescents victimized by violence. The aim was to analyze the concepts produced by children about the body, allowing the flourishing of the problems that mobilize and thus facilitating the production of other concepts on the said topic. Based on the problems, the thought of the children is presented in four lines: fears of a child in the face of difficult situations, what can the child's body in the face of difficult situations, the child's body and the relationship with the family: and the child's body between the outside and inside the Casa de Zabelê.*

Key-words: *Body; Children; Sociopoetics.*

Em junho de 2008, acordei com a coordenadora da Casa de Zabelê¹ a realização de uma pesquisa com as crianças² desta instituição, cujo tema gerador era O Que é o Corpo. A partir daquele momento muitas questões sobre o corpo ocuparam minhas reflexões, as quais as crianças da Casa de Zabelê ajudaram-me a problematizá-las na pesquisa, quais sejam: Como a criança da Casa de Zabelê pensa o seu corpo?

¹ A Casa de Zabelê tem como objetivo atender crianças e adolescentes do sexo feminino, vitimizadas pela violência, negligência, pobreza, abandono, drogadição, prostituição, dentre outros. Baseada na pedagogia do diálogo, oficinas orientadas e atendimento personalizado. No momento da pesquisa, atendia 124 crianças e adolescentes. A linha de atendimento é focada na profissionalização e inclusão social.

² Esta pesquisa foi realizada também com as adolescentes da Casa de Zabelê.

Quantos corpos cada corpo criança carrega dentro de si? Quanto pode o corpo criança? Como pensar novas maneiras de problematizar o corpo criança? Como identificar problemas que atravessam e mobilizam o corpo criança?

Diante destas indagações, utilizei a sociopoética para a produção de conceitos filosóficos sobre o tema O Que é o Corpo. Mas o que é a sociopoética? É uma prática filosófica pois ela: 1º) Descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2º) Promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3º) Favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo pesquisador; 4º) Possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais.³

Na sociopoética realizamos a pesquisa em grupo e por meio de oficinas que utilizam dimensões da arte para produção de conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e mesmo inusitados sobre um tema gerador. Nesta pesquisa, o grupo pesquisador era composto por nós, facilitadores, e por crianças,

³ GUATHIER, Jacques. *Notícias de rodapé do nascimento da Sociopoética*. Salvador, 2003, p. 12. (Digitado). GUATHIER, Jacques. Trilhando a vertente filosófica da montanha Sociopoética – a criação coletiva de confetos e conceitos. In: SANTOS, Iraci et al. *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem sociopoética*. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 257.

as copesquisadoras.⁴ Fizemos quatro oficinas, sendo a primeira de negociação da pesquisa, outra para a de produção de dados⁵, com duração de 4 horas e 2 oficinas para a contra-análise⁶, a qual permitiu às copesquisadoras conhecer, confirmar, retificar e, especialmente, contrapor-se às nossas ideias. Neste texto, nos reportamos à produção de dados referente a técnica O Corpo Mutante, ou seja, apresento os confetos e as problemáticas significativas para as crianças no que diz respeito ao tema-gerador corpo.

⁴ Nesta pesquisa, contei com a participação das seguintes co-facilitadoras: a pedagoga Auridete Viana Lima e a graduanda em Pedagogia, e bolsista do CNPq, Viviane Ribeiro Rocha dos Santos.

⁵ “Na concepção da sociopoética, os dados que surgem dessa experiência não são ‘coletados’, [...] e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e suas técnicas são uma implicação inegável.” PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). *Registros de Pesquisas na Educação*. Fortaleza: LCR/UFC, 2002, p. 42.

⁶ Neste método, após a produção dos dados, os facilitadores realizam sua análise através dos procedimentos: análise classificatória, momento transversal e análise filosófica. Em seguida, com os resultados das análises, o pesquisador oficial produz textos literários de suas análises, como contos, poesias, cordéis, dentre outros. Este procedimento torna as análises mais sintéticas e comunicativas de modo que os co-pesquisadores possam realizar posteriormente a contra-análise – momento em que o facilitador, ou pesquisador oficial, volta a se encontrar com os co-pesquisadores (neste caso, as crianças) para submeter às análises ao crivo de sua avaliação, bem como fazer perguntas de esclarecimento. Este momento, chamado de contra-análise, é fundamental para que o pesquisador oficial retifique, re-examine e torne mais precisa suas reflexões. É também a possibilidade de dialogar com os co-pesquisadores, permitindo ao pesquisador oficial ultrapassar o plano das conveniências preconceituosas, interessadas em desmoralizar ou mesmo moralizar o “outro”. Para a contra-análise levei o conto intitulado “Crianças em corpos mutantes – uma invenção”. No momento final, realizei a análise e fiz a socialização da pesquisa, entregando o relatório final para apreciação dos técnicos e professores da Casa de Zabelê. PETIT, op. cit., 2002, p. 43.

O momento da oficina de negociação da pesquisa foi dedicado a acolher e sensibilizar as crianças da casa, através de alongamentos, brincadeiras, relaxamento, fantoches e conversas no intuito de ampliar a percepção dos seus corpos, de explicar e motivá-las sobre a pesquisa que iríamos realizar, ressaltando o nosso tema gerador, a importância de sua participação enquanto copesquisadoras e a formação do grupo-pesquisador. Realço que foi também o espaço para a produção dos crachás e escolha dos respectivos pseudônimos, com intuito de preservar a identidade de cada uma das crianças. Segue algumas fotos destes momentos da negociação:

Imagem 1. Acolhida com o uso de fantoches



Acervo da autora

Imagem 2. Explicando e sensibilizando
as crianças para a pesquisa



Acervo da autora

Imagem 3. Alongamento



Acervo da autora

Imagem 4. Brincadeiras



Acervo da autora

Imagem 5. Relaxamento



Acervo da autora

Imagem 6. Produzindo os crachás
com os respectivos pseudônimos



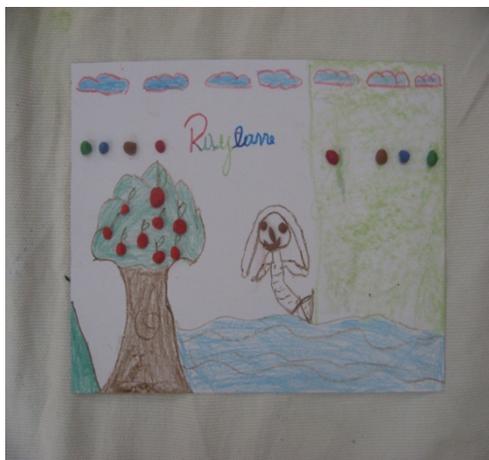
Acervo da autora

Iniciei a oficina de produção de dados com o relaxamento e a viagem imaginária ao corpo mutante, adotando um roteiro que levava as crianças a uma viagem imaginária dentro de uma bolha que flutuava por espaços da Casa de Zabelê e fora dela. Em determinado momento, a bolha furava, e caía num buraco que levava a criança em outro mundo, com outro corpo: um corpo mutante.

A produção dos dados da viagem foi na forma de desenhos e modelagem. Para tal intento, o material utilizado foi papel A4, giz de cera e massa de modelar. Após o relaxamento, cada criança recebeu seu material e produziu o desenho da sua viagem e modelou o seu mutante. Depois da produção plástica, cada copesquisadora

fez seu relato oral da viagem realizada, fazendo livres associações entre o desenho e o tema gerador corpo. Isto foi gravado, transcrito e analisado. A seguir, alguns dos 20 desenhos dos corpos mutantes produzidos pelas crianças.

Imagem 7. Corpo Sereia



Acervo da autora

Imagem 8. Corpo Boneco de Massinha



Acervo da autora

Imagem 9. Corpo Mulher Espinha



Acervo da autora

Imagem 10. Corpo Maria



Acervo da autora

Imagem 11. Corpo Mulher da Cobra



Acervo da autora

Imagem 12. Corpo Vavá



Acervo da autora

Imagem 13. Corpo Poder de Fogo



Acervo da autora

Imagem 14. Corpo Invisível



Acervo da autora

Imagem 15. Corpo Escorpião



Acervo da autora

Imagem 16. Corpo Mutante Vampiro



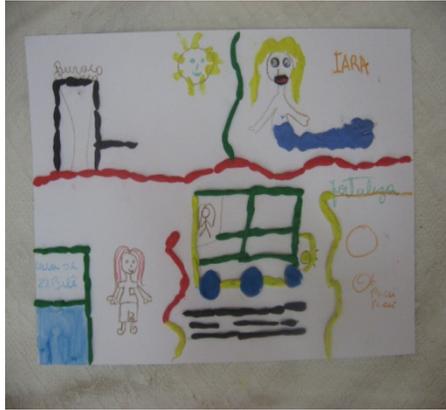
Acervo da autora

Imagem 17. Corpo Vampira Estelani



Acervo da autora

Imagem 18. Corpo Sereia Iara



Acervo da autora

Após a produção dos dados, das análises e da contra-análise, temos na Sociopoética o momento filosófico – aquele dedicado a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador com reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes. Este momento pretende ser um espaço no qual ocorra a produção de sentidos, de acontecimentos ou de conceitos e, ao mesmo tempo, a produção de subjetividade: pensar e ser são uma só e a mesma coisa. E como o conceito é um acontecimento, não pode existir sem ser perpassado de afetos que não são emoções individuais, nem sentimentos, mas intensidades que percorrem os corpos. Por isso, a Sociopoética se utiliza do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que na atividade do grupo pesquisador os afetos não só existem, como são o próprio motor da criação.

Desse modo, seguem alguns exemplos dos confetos e metáforas produzidos que surgiram de momentos de problematização e criação das copesquisadoras em torno do tema o que é o corpo, a saber: corpo mutante mulher da cobra; devir mulher da cobra; corpo mutante vampiro Vavá; corpo mutante invisível; corpo mutante menina voadora; devir menina com asas; devir humano com asas; casa Gaiola; devir Gaiola e corpo mutante Analá. Partindo destes confetos e de suas problemáticas, o pensamento das crianças se apresenta em quatro linhas ou dimensões, a saber: medos da criança diante das situações difíceis; o que pode o corpo da criança diante das situações difíceis; o corpo da criança e a relação com a família; o corpo da criança e a relação com a família e o corpo da criança entre o fora e o dentro da Casa de Zabelê.

A primeira linha diz respeito aos “medos da criança diante das situações difíceis” que atravessam seu corpo, de tal modo que o constitui como um corpo culturalmente marcado pelo medo. O medo habita o corpo. O medo é a lei que se inscreve no corpo da criança em múltiplas e heterogêneas dimensões, quais sejam: o medo de ser seqüestrada e sair de perto da família, o medo do sonho se realizar, de ser estuprada e pegada, de sair da Casa de Zabelê, de bichos dos mais diversos, de coisas imateriais, de dormir sozinha, dos ladrões, da polícia, de levar um tiro, dentre outros.

Um dos medos que me chamou atenção foi o do sonho se realizar. Fiquei a me perguntar: De que sonhos essas crianças falam? Seriam sonhos aflitivos que anunciam situações de pesadelo? Agitação ou opressão durante o sono? Conectando este medo de sonhar com os demais medos da criança: ser estuprada, ser pega, ser seqüestrada e ficar distante da mãe e da família. Eu percebo que estes medos realçam os desejos das crianças de viver situações positivas e potentes como outra “vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores.”⁷

Outro ponto em referência ao medo diz respeito aos bichos dos mais diversos tipos, em especial os bichos repugnantes e peçonhentos, como sapo, caranguejeira, rato, cobra, jacaré, mosquito da dengue, potó, escorpião, monstros, dentre outros. Estes medos me fizeram pensar que entre o corpo da criança e os bichos citados, os conceitos de medo vão se delineando. É como se entre uma criança e o seu cotidiano de medos se fizessem rizomas⁸ em torno das suas raízes que não se deixam compreender facilmente pela produção instituída, mas apenas pelo

⁷ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 216.

⁸ Rizoma é um termo tomado de empréstimo da botânica que define o sistema de caule subterrâneo de plantas flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior. Por isso, rizoma é uma rede porque se pode entrar por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida. Em suma, é uma multiplicidade. GUATTARI; ROLNIK, op. cit., 1996, p. 322.

devir.⁹ É como se houvesse um devir para cada um desses medos, por exemplo, um devir medo caranguejeira, um devir medo rato, um devir medo cobra, que funcionam por contágio num campo de batalha onde a criança aprende de modo singular a viver, a conviver e, por vezes, a recusar cada um desses sentimentos estranhos pelo qual passam.

Como é o caso da criança que, inicialmente, diante do medo da cobra, seu corpo silencia, não faz nada e fica quieto – recolhido. Desse modo, o medo que a imobiliza, despotencializa os seus movimentos e a sua fala. Porém, em seguida, e de modo surpreendente, esta criança se metamorfoseia de corpo mutante mulher da cobra, potencializando seu corpo ao produzir um devir mulher da cobra que deu poderes a este corpo, desconstruindo seus medos, incorporando-o ao torná-lo seu próprio aliado diante das dificuldades. Vejamos:

Eu imaginei quando eu estava deitada [...] que eu era um mutante [...] eu ia devagarzinho, via uma bola e pulei. Entrei na bola e ela espocou, ai eu cai no buraco. E o buraco era fundo e ai eu vi uma cobra. Quando eu vi a cobra eu não gritava, porque era muito perigoso, ai eu fiquei muito tempo, ai eu fui me acostumando com a cobra. Eu voltei pra minha casa onde eu morava, ai [...] eu fiquei com a cobra, eu dormia com

⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997, v. 4, p. 33. Conforme estes autores, a esquizoanálise refuta todo o essencialismo pois acredita que a subjetividade é fabricada, produzida socialmente. Por isso propõe, ao invés da noção redutora de identidade, o conceito de devir, que sugere a nossa multiplicidade heterogênea, pois assim como Alice no país das maravilhas, pode-se mudar de devir “segundo as ‘horas’ do mundo”, de forma não determinada. Posso, por exemplo, ser uma criança e viver um devir mulher da cobra sem que isso signifique que eu seja e nem pareça uma cobra; são apenas fluxos contraditórios e imprevisíveis que convivem em mim, sem definição temporal. O devir é então uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida.

a cobra. Eu não tinha medo da cobra porque ela se acostumou comigo. Antes de me transformar num mutante eu pensava que ela ia me morder, mas aí eu me transformei na Mulher da Cobra. Ela tem poderes [...] assim, ela pode soltar a cobra se ela tiver raiva de alguém. Se ela tiver raiva essa cobra pode picar, porque, por exemplo, eu falo: “Vai picar ela”, aí ela vai [...]. A cobra me ajuda, assim a passar a dificuldade.

Não podemos imaginar que as crianças da Casa de Zabelê passaram pelos mesmos problemas, pois cada uma, em si, é um povoamento, multiplicidades, portanto. Não podemos uniformizá-las como se seus medos fossem um só e como se passassem pelas mesmas dificuldades, porque não é assim que ocorre com elas. E por que não? Porque há uma diversidade de problemas que envolvem essas crianças, desde os sonhos à materialidade de um estupro. A questão é exatamente perceber que a criança vive essas situações entre a imaginação e a linguagem instituída. Portanto, falar de seus medos é falar de um campo entre reinos, entre termos inteiramente heterogêneos como, por exemplo, quando falam ao mesmo tempo do medo dos ladrões e da polícia, que embora sejam diferentes, co-existem no imaginário infantil daquelas crianças da Casa de Zabelê.

Nesse sentido, penso que não há uma interiorização ou internalização por parte dessas crianças de um sistema de submissão desses medos, como se sua subjetividade fosse algo a ser preenchido.¹⁰ Ao

¹⁰ PELBART, Peter Pål. *A vertigem por um fio: a política da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 37 diz que a “subjetividade não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir e etc.”

contrário, o que há é uma produção de subjetividade, entendida aqui não como coisa em si, essência imutável, mas como algo produzido. Nesse caso, esta produção não é, somente, uma produção individuada – subjetividade dos indivíduos, mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção do consumo na sociedade capitalística.¹¹ E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente é um universo fértil, produtor de novos sentidos, de roteiros fantasmáticos, que se pode encontrar na religião, na arte, na infância, nas sociedades arcaicas, dentre outros.¹² A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística, produz inclusive aquilo que acontece conosco, quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos, e assim por diante. Em todos os casos, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos.

¹¹ Acrescentam o sufixo “ístico” a “capitalista” por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas de capitalísticas, mas também setores do “terceiro mundo” ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem uma espécie de dependência e contra dependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciariam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade. Elas funcionariam segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política. O leitor reencontrará esta temática desenvolvida em diferentes direções no decorrer do livro. GUATTARI; ROLNIK, op.cit, 1996, p. 15-17.

¹² O termo “inconsciente” só é mantido aqui por conveniência e, na verdade, o campo da esquizoanálise ultrapassa de longe o dos psicanalistas, pois acredita que o inconsciente na História, no Brasil, hoje, é a maneira como toda uma série de minorias vivem sua problemática de subjetividade, seja resistindo às produções de subjetividade dominante, seja dependendo, ou contra dependendo delas. GUATTARI; ROLNIK, op. cit, 1996, p. 237.

Entretanto, a essa máquina de produção de subjetividade eu me oporia à idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de processos de singularização: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação pré-estabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma criança, por menor que seja, vive uma relação com o mundo, bem como com os outros de um modo extremamente produtor e criativo. É a modelização de suas semióticas, por meio da escola, que a conduz a uma espécie de processo de indiferenciação. Assim, o termo singularização é entendido pela esquizoanálise para designar

[...] os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção. Guattari chama atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda a espécie. Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular, etc.¹³

A segunda linha – “o que pode o corpo da criança diante das situações difíceis”, mostra que é na relação com os seus medos que as crianças apontam uma série de prescrições, por exemplo: de como devem fazer para se livrar do medo e defender seu corpo. Sobre isso, elas dizem:

¹³ GUATTARI; ROLNIK, op. cit., 1996, p. 45.

- Não se deve ficar com medo, mas não ficar com medo não é uma forma de se livrar do medo não.
- Não pensar em coisas ruins, não pensar coisas erradas dos outros;
- Fechar os olhos.
- Ter coragem de pegar o revólver e matar o medo.
- Ficar um mutante invisível.
- Largar neles todos os poderes que a gente tem.
- Matar o medo de alma indo deitar-se com a mãe.
- Pedir ajuda a quem estiver passando.
- Ter confiança em Deus e pensar positivo.

Para defender seu corpo, as crianças utilizam todos os poderes que tem, como o confeto corpo mutante Vampiro Vavá, que é uma criança que enfrentou várias pessoas que queriam fazer-lhe mal e ela chupa o sangue daquelas pessoas para se defender. Em meio a essa defesa do corpo, há ainda coisas e/ou situações que as crianças não gostam, como se transformar num corpo mutante invisível que é um corpo poderoso, pois chega e sai para vários lugares sem ser visto. Entretanto, mesmo não querendo ser invisível, se for necessário ela se submete porque há certas situações que a obrigam; não gostar de brigar, é uma delas. Ficar invisível significaria evadir a fim de procurar solução para sair dos seus problemas.

Todas essas formas de enfrentamento do medo e de defesa do corpo são astúcias desta criança que não se mostra frágil e dócil, diante das dificuldades e de situações de assujeitamento, como as que envolvem o medo. Percebemos a produção de um corpo que vibra na medida em que o perigo ou a dor realçam a capacidade vigorosa

desta criança de resistir e recusar essas situações difíceis por meio de seus gritos dilacerantes e da sua voz intensa. Tudo é vida, apesar do perigo e da dor.

Então, esse corpo vibrátil, por não ser inteiramente contido por poderes de assujeitamento, mostra-se fluido e capaz de fazer escoar suas dores por meio da sonoridade dos seus gritos que evidenciam a quebra do silêncio e também a resistência de dizer aquilo que quer dizer e não o que os outros gostariam que dissessem. Seus gritos anunciam corpos autônomos diante do perigo, ao produzir astúcias para algumas saídas. As astúcias são artes de fazer do fraco; são táticas que utilizam vigilante as falhas do poder e criam surpresas, conseguindo fazer e estar onde ninguém espera. As táticas são o senso da ocasião que combina elementos audaciosamente reunidos para insinuar *insight* de outra coisa na linguagem de um lugar e para atingir um fim. Elas são raios, relâmpagos, fendas e achados no reticulado de um sistema.¹⁴

“O corpo da criança e a relação com a família” é a terceira linha. Esta realça as questões ligadas aos conflitos vividos com a família, especialmente com o pai. Inicialmente, esta problemática está presente no relato sobre o corpo mutante menina voadora que é um corpo que tem asas brancas e fortes. E o poder dela é ficar voando. Vejamos:

A minha foi assim [...]. Eu tava na praia e vi uma bolha, entrei e sai dentro do mar, vi uns peixes e cai dentro de um buraco. Depois virei menina voadora. A menina voadora tem asas brancas e fortes. Ela caiu

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999, v. 1, p. 100-101.

dentro do buraco em outro mundo. Lá era bom porque antes não era bom porque ela não tinha asas. Ela sonhava em ter asas para ir do mundo que ela tava para outro mundo. Porque no mundo em que ela tava era ruim, cheio de brigas. Ela achou bom ter asas para ter um corpo bom. Agora só andava voando [...] e sentia amor, felicidade. Ela não gostava de maltratar ninguém. No outro mundo, ela não gostava porque os pais dela maltratavam ela e puxavam os cabelos. Agora ela voa, ninguém maltrata ela, ela sente amor no coração. O poder dela é ficar voando [...] e também ela pegou um barco e saiu para onde tava os pais dela para buscar as coisas dela e ir para a casa que ela comprou. Agora ia ser feliz no corpo mutante menina voadora, ela ia voar.

Percebo neste relato que para as crianças, o seu corpo marcado e sofrido pelos maus tratos dos pais, é potencializado com desejos sensíveis capazes de propiciar a criação do devir menina com asas que ampliou os contornos do corpo da criança, como ela diz na contra-análise: “– O corpo dela virou humano, mas [...] tinha asas [...] brancas e fortes e qualquer coisa que aconteça [...] ela pode voar [...] pra casa dela. E ela gostou muito das asas dela porque ai ela não era mais maltratada, ela não pede mais ajuda, porque ela não sofre mais.” Este devir advém do confeto corpo mutante menina voadora que produziu uma linha de fuga na medida em que, ao metamorfosear seu corpo com as asas brancas e fortes, a criança se fortaleceu, ajudando-se a romper com o seu destino, com suas próprias armas – as asas para voar – e sem pedir ajuda, porque não sofre mais. Ou seja, o devir menina com asas é um fluxo que tira a criança da imobilidade diante da opressão vivida na casa dos pais, pois a puxa em dois sentidos ao mesmo tempo: ela muda o corpo e sai de casa.

Nesse caso, o devir humano com asas permitiu ao corpo mutante menina voadora ganhar autonomia e transformar o seu corpo porque

[...] agora ela voa, ninguém maltrata ela, ela sente amor no coração. O poder dela é ficar voando [...] o poder dela é ficar voando e também ela pegou um barco e saiu para onde estavam os pais dela para buscar as coisas dela e ir para a casa que ela comprou. Agora ela ia ser feliz no corpo mutante voadora, ela ia voar.

Na contra-análise, elas completaram estas idéias ao dizer que ao “sair de perto do pai, o corpo dela ficou bom porque era roxo do pai dela bater nela e a cabeça doendo que o pai puxava os cabelos dela. Ela feliz voadora, voando nas nuvens longe dos pais dela, agora ela voa, ninguém maltrata ela. Ela sente amor no coração.” O corpo potencializado ganhou forças para sair da casa dos pais e ir para a casa que comprou. Na contra-análise, disseram ainda que dessa transformação a criança “mudou o cabelo, pintou, cortou, se arrumou, colocou um vestido. O corpo dela na casa nova ficou bonito, experiente. Na casa dela ela comia, dormia e bebia. Ela era nova, bonita.”

Ela era nova! Portanto, mudar o cabelo, se pintar, se arrumar, colocar um vestido, ficar bonita e experiente são lastros de sentidos – imagens falantes – que nascem do mais singular desejo dessas crianças de mudança do corpo. É como se mudar o corpo fosse trocar de pele, desmanchar as marcas da violência nele inscritas. Com isso, o corpo fica bom: come, dorme e bebe! Deixa de ser um corpo à deriva,

desconfiado e sofrido, pois ao viver longe dos seus agressores ganha segurança, podendo relaxar e voar. É como a criança diz: “– Agora ia ser feliz no corpo mutante menina voadora, ela ia voar.”

Para as crianças, outra alternativa visando sair do sofrimento na casa dos pais é o casamento, que significa também a conquista da segurança na medida em que tem alguém para lhe cuidar. Na contra-análise, disseram:

– Ela tem o marido dela, ela casou, depois que ela se casou, ela ficou muito mais feliz porque ela podia voar e tinha a casa dela. A casa dela é rosa, bonita, cheia de flores, cheia de amigas, de jardins, de cerveja, de cachaça alemã. Ela mora numa gaiola, mas ela pode sair qualquer hora, aí o marido dela coloca ela lá no altar. Ela se sentiu segura.

A criança para dar consistência a seu pensamento cria o confeto de casa-gaiola que é uma casa ao mesmo tempo lugar de segurança e de liberdade. De modo surpreendente, este confeto evidencia que essa casa gaiola escapa a categorização instituída de uma gaiola que significa um enquadramento, uma jaula. Nesse, o confeto casa-gaiola acaba por criar um devir-gaiola, pois este espaço se apresenta com outros contornos ao mostrar que esta casa é lugar de segurança e de liberdade, simultaneamente

Além disso, a criança passa a ter outro status nesta casa-gaiola que é a do altar, tornando-se venerada pelo marido. Estas idéias realçam os paradoxos pelos quais as crianças vivem, na medida em que ao afirmar que o marido a coloca no altar, ela acaba por mostrar que o medo

de ser tocada de algum modo permanece. Embora esta casa-gaiola seja diferente da casa do seu pai, onde era lugar de maus-tratos, na nova casa a figura masculina deste lugar, o seu marido, coloca-a no altar, tornando-a um ser intocável, idolatrada por um amor incondicional e de reconhecimento de sua importância enquanto criança.

Ainda sobre a problemática do “corpo da criança em relação com a família”, as crianças criaram idéias diferentes do corpo mutante menina voadora porque, em vez de abandonar seus pais, transformou-se em corpo mutante Analá para resolver seus conflitos no âmbito familiar. Nessa transformação, seu corpo fica poderoso e ela tem o poder da água, de parar as tempestades, aquelas furiosas. Seu corpo tem asas que a permitem voar no céu. Vejamos o relato:

Eu me transformei numa mutante que lê o futuro e tem o poder da água. Ela é do bem e não maltrata as pessoas. Ela tem o poder de parar as tempestades, aquelas furiosas. A viagem dela foi ruim [...] porque ela caiu dentro do buraco e foi bom porque depois que ela caiu num buraco, ela se transformou num mutante e foi para outro mundo cheio de coisas bonitas. Um outro mundo normal onde tinha cidades, carros, tinha tudo. Ela se sentia triste porque ela achava que os pais dela não gostavam dela, mas depois que ela caiu no buraco eles gostaram dela, porque ela se transformou numa mutante, a Analá. O corpo analá sentiu que o corpo dela agora tem asas [...] agora ela pode voar no céu.

Na contra-análise, ampliaram estas idéias ao responderam a pergunta sobre os motivos pelos quais os pais só gostaram dela depois da transformação em corpo mutante Analá. Em primeiro lugar, algumas crianças responderam que os pais passaram a gostar dela porque

- Ela sumiu, e ai o pai dela ficou preocupado com ela.
- Ela resolveu fugir, mas ai ela apareceu e o pai começou a gostar dela porque ela tinha asas.
- Ai ela fugiu para longe do pai, ai o pai dela começou a gostar dela porque ela voltou. Ela dá mais alegria para eles.
- [Ela] ensinou que não podia bater nos filhos.
- Ficaram mais alegres, porque ela virou uma mutante muito importante e voadora.

Sumir e/ou fugir é uma tática da criança que se utiliza deste artifício para atingir seu intento: o pai passar a gostar dela. Neste caso, o amor do pai é reconciliado com a atitude de desaparecer, chamando a atenção para si com este ato. Sobre esta questão, resalto a dor psíquica que envolve este corpo, na medida que o sofrimento está entre a criança que ama e a pessoa amada. É uma lesão no laço íntimo com o outro. O outro do amor – seus desejos e suas demandas – inscreve-se no corpo da criança. Esse outro – no caso o pai – é o outro do amor, da intimidade e da dependência, cujo desejo a criança deseja inscrevendo-se no seu corpo.¹⁵

É motivada por este desejo que a criança foge e retorna para casa com o corpo modificado. Ela não é mais a mesma, pois “virou uma mutante muito importante e voadora.” E esta mudança dá alegria aos pais porque ela se torna importante para os outros. E isto modifica os pais que passam a ter outras atitudes, reconhecendo-a também como importante. Com isso, ela adquire um poder a ponto de ensinar para

¹⁵ KEHL, Maria Rita. Três perguntas sobre o corpo torturado. In: KEHL, Ivete; TIBURI, Marcia (Orgs.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos, 2004, p. 14-15.

o pai como deve lidar com os filhos, realçando sua importância e um lugar de destaque na família: “– Os pais gostaram dela porque ela podia levar eles pra onde querem. – Porque ela tem asas e ai fica muito mais fácil pra eles porque ela não precisa de carros”, outra criança complementa. E toda essa mudança gera inclusive inveja.” Elas dizem: “– Eles têm inveja dela porque ela tem asas e eles não. O pai dela gosta dela, mas tem inveja.” É como se a partir do reconhecimento da importância da criança, de seu poder e de sua imagem pelos outros, em especial pelos pais, se revertissem os papéis formais, tornando-os, ao mesmo tempo, dependentes e invejosos de seu novo corpo de criança.

Importante realçar que a transformação da criança se apresenta com outras implicações no que diz respeito ao fato de que os pais gostaram dela quando ela mudou de comportamento. Sobre isto, dizem:

– O pai dela não gostava de bater nela, mas ela deixava o pai dela triste porque ela batia nos outros. Ela era do mal, ela fazia danoção, não ajudava a mãe dela, fazia danoção na rua. Ai depois que ela caiu no buraco, os pais dela começaram a gostar dela porque ela só tinha bondade no coração. Ela mudou o corpo dela. Ai depois que ela se transformou, ela teve amor no coração. – Porque ela virou um mutante do bem. Ela não maltratava os amigos dela, não xingava, não batia. Ela ficou poderosa, ela protegia o pai dela da maldade.

Mudar o corpo para o bem. E o que é o bem? É deixar de fazer danoção em casa e na rua, pois não se comportava como devia. As crianças, inclusive, justificam a atitude agressiva do pai ao dizer que ele “não gostava de bater nela, mas ela deixava o pai dela triste

porque ela batia nos outros. Ela era do mal, ela fazia danação, não ajudava a mãe dela, fazia danação na rua.” Neste caso, estas idéias ressaltam que as crianças co-pesquisadoras se mostram culpadas pelos seus atos e não responsabilizam seus pais pelos atos agressivos que realizam, pois estas atribuem somente a si os rótulos negativos de “danadas”, “sem bondade” e “do mal”.

Estas idéias mostram que precisamos urgentemente chamar pais, sociedade e Estado à responsabilidade pelas crianças, porque, conforme artigo 227 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e aos adolescentes, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.¹⁶

O cumprimento do que determina o artigo acima evitará que as crianças não sejam culpabilizadas por atos que não são de sua responsabilidade, evitando, assim, que elas absorvam a culpa, e atribuam a si rótulos negativos. A culpabilização¹⁷ faz com que o nosso próprio direito à existência desabe se passarmos a acreditar que não somos possíveis do jeito que somos. Diante disto, a melhor coisa que se tem que fazer é calar e interiorizar esses valores sobre nós, concebendo-os como verdadeiros.

¹⁶ BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: MEC, 2005.

¹⁷ GUATTARI; ROLNIK, op. cit., 1996, p. 41.

Na quarta linha, “o corpo da criança entre o fora e o dentro da Casa de Zabelê”, início ressaltando os sentimentos ambíguos das crianças com o outro mundo, e sua relação com a Casa de Zabelê. Esta problemática se evidencia no seguinte relato:

Sair da Casa de Zabelê e ir para outro mundo foi bom porque eu fui lá e voltei de novo, porque eu gosto de tá aqui. Porque no outro mundo é muito estranho. Ao mesmo tempo não é muito assustador e é muito assustador. Dá medo! Eu preciso me transformar numa mutante para poder ir para o outro mundo. Eu tenho medo no outro mundo daquele homem gelo, da vampira. Eles me matam!

Na contra-análise as crianças responderam os motivos pelos quais ao saírem da Casa de Zabelê o seu corpo se transforma em outro e, também, por que voltar para a Casa é bom, além de dizer os poderes mágicos deste lugar. Seguem algumas das respostas:

- O corpo da criança se transforma em outro corpo porque é perigoso [o outro mundo]. É bom voltar para a casa de zabelê porque aqui é bom. A dona Carla é boa, a Suely, a Claudete, a Girleide, até a senhora!
- A gente tem que mudar de corpo quando a gente sai da Casa de Zabelê porque pode ser perigoso que a gente não conhece.
- O corpo da criança se transforma em outro corpo quando sai da Casa de Zabelê pra não acontecer uma coisa mal com ela, porque como ela é humana ai ela pode sofrer o mal.

Observo na fala das crianças que o outro mundo, ou melhor, o mundo fora da Casa de Zabelê é perigoso porque pode acontecer algo de mal com os seus corpos. Dizem que precisam de outro corpo no espaço da Casa de Zabelê para se proteger e não sofrer. É por isso que alguns relatos evidenciam ser bom voltar para Casa que é

lugar de segurança, de mudança de vida, de ser feliz, de brincar e de vários aprendizados, como cuidar do corpo, dançar, comer, aprender melhor, falar inglês e português, dentre outros. Seguem os relatos:

– É bom voltar para a Casa de Zabelê porque aqui é ótimo, a gente brinca, a gente estuda, a gente dança, a gente tem educação. Os poderes mágicos da Casa de Zabelê é aprender melhor.

– É bom voltar para a Casa de Zabelê porque aqui é muito bom, já teve uma lenda que é da Casa de Metara com a da Zabelê, por isso que a Casa de Zabelê ajuda as crianças mais pobres e sofridas.

– Porque aqui dentro da Zabelê a gente se sente mais feliz, lá fora a gente é mais triste, não tem nada para pensar.

[Sbara pergunta:] – Você acha que as crianças, ao saírem daqui, da Casa de Zabelê, mudam de corpo? Se transformam?

– Eu acho. Porque a gente se transforma em gente feliz aqui dentro. Eu conheci as meninas. A minha vida tava muito ruim, eu tava muito triste e agora tô melhor.

– Para comer. Porque ajuda a gente pra civilização. Aqui a gente aprende a dançar, a falar, português e inglês. Mas tem menina aqui, a Rayssa fica só atrapalhando, fica só conversando.

Há outras dimensões a serem ressaltadas na Casa de Zabelê, como assinala o último relato sobre o processo de institucionalização do corpo de algumas crianças que acontece a partir do momento em que ela incorpora o discurso da disciplina da Casa e passa a agir como o olho de vigília da instituição, apontando as crianças que ainda não se enquadraram. Como ela afirmou: “tem menina aqui, a Rayssa fica só atrapalhando, só conversando.” É um olho treinado para detectar no outro, um corpo indisciplinado ou que ainda não foi modelizado, segundo os padrões da Casa porque não segue as instruções, fica só atrapalhando, conversando.

Assim, este corpo é compreendido como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na bagunça ou agitação motora ou na falta de educação ou de respeito pelas autoridades. As próprias crianças que já atingiram melhores níveis de disciplina, mostram, indiretamente, que as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e repressão daqueles que atrapalham.

Sobre seu corpo fora da Casa de Zabelê, uma criança diz: – “Quando eu saio daqui, eu me transformo num corpo ruim. Lá fora eu sou mais danada.” Interessante observar que a fala desta criança também dá visibilidade as suas práticas quando afirma: “Lá fora, eu sou mais danada”, ou seja, incorrigível fora dos domínios da instituição. Paradoxalmente, assume o discurso da Casa ao avaliar o seu comportamento fora dali: “Quando saio daqui, eu me transformo num corpo ruim.” Numa espécie de confissão, ela se nomeia um corpo ruim, conforme o instituído.

Por fim, entre os relatos sobre o corpo da criança entre o fora e o dentro da Casa de Zabelê há algo que escapa: uma criança traz uma idéia diferente. Ela mencionou: “Saindo daqui vou para um mundo melhor, vamos para a casa, vamos para a escola. Aqui nós somos pessoas do bem. E lá fora também.” Embora apresente ainda uma diferença para estes dois lugares, ao dizer: “A diferença é porque fora da Casa tem muito preconceito.”

Neste relato, a criança realça a importância das relações que ela estabelece fora da Casa, no seio familiar e escolar, por exemplo. Entretanto, ela também mostra a relevância da Casa de Zabelê ao dizer que fora dela há muito preconceito, enfatizando, possivelmente, que dentro do espaço da Casa de Zabelê ela convive com pessoas que a respeitam, não a rotulam e estigmatizam como os indivíduos de fora da Casa. Isto evidencia a positividade do poder dessas instituições na vida de uma criança, na medida em que cotidianamente constituem este corpo.¹⁸ Isso não significa ter condições materiais, mas principalmente condições humanas de bom convívio, que dizem respeito a carinho, afetividade, ou simplesmente respeito às particularidades do seu crescimento.

Diante do exposto, observo que as co-pesquisadoras produziram ideias heterogêneas, criando conceitos polifônicos devido à simultaneidade de composição feita com várias vozes; polissêmicos, pois contêm múltiplos e heterogêneos sentidos e a-finitos na medida em que não estão fechados e acabados, já que foram ampliados, modificados e transformados durante o processo analítico dos dados.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 87. Sobre a positividade do poder nas instituições, o autor afirmou que o exercício do poder nesses espaços não se dá apenas com as proibições e imposições de leis, normas e regras, ou seja, em efeitos negativos ou repressivos. Segundo ele, o funcionamento do poder é muito mais complexo, pois seu exercício admite a produção de efeitos positivos que também constituem a subjetividade dos sujeitos nas instituições.

Nesse caso, não pretendi com esta pesquisa dar respostas ou deixar uma palavra final sobre o que é o corpo; não quis sintetizar o que foi produzido pelas co-pesquisadoras, nem generalizar ou homogeneizar as idéias levantadas. Considerando que este é mais um momento de nossas percepções, mais uma voz nessa construção.

Nesse sentido, a importância dessa investigação foi possibilitar o aflorar dos problemas que mobilizavam as adolescentes acerca do corpo, facilitando a produção de outros conceitos sobre o referido tema. Além disso, permitiu conhecermos de perto as ideias e os conceitos destas adolescentes sobre o corpo e, nesse caso, possibilita aos técnicos, educadores, artistas e demais colaboradores da Casa de Zabelê um conhecimento próximo e atuante junto às adolescentes com as quais convivem e atuam.

Referências

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: MEC, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999, v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997, v. 4.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal 1988.

GUATHIER, Jacques. *Notícias de rodapé do nascimento da Socio-*

poética. Salvador, 2003. (Digitado).

_____. Trilhando a vertente filosófica da montanha Sociopoética – a criação coletiva de confetos e conceitos. In: SANTOS, Iraci et al. *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem sociopoética*. São Paulo: Atheneu, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KEHL, Maria Rita. Três perguntas sobre o corpo torturado. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia. (Orgs.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos, 2004.

PETIT, Sandra Haydèe. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). *Registros de Pesquisas na Educação*. Fortaleza: LCR/UFC, 2002.

PELBART, Pål Pebart. *A vertigem por um fio: a política da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

Recebido em maio de 2011; aprovado em junho de 2011.